


REVISITANDO LÍDERES NEGROS NA LITERATURA JUVENIL AFRO-BRASILEIRA: PALMARES DE ZUMBI (2019), DE LEONARDO CHALUB

REVISITING BLACK LEADERS IN JUVENILE AFRO-BRAZILIAN LITERATURE: PALMARES DE ZUMBI (2019), BY LEONARDO CHALUB

Lucélia Canassa  <https://orcid.org/0000-0002-8203-7645>

Doutoranda em Letras – Estudos Literários
Universidade Estadual de Londrina
luceliacanassa@hotmail.com

Maria Carolina de Godoy  <https://orcid.org/0000-0003-4016-3720>

Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas
Universidade Estadual de Londrina
mcdegodoy@uel.br

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.13602175>

Recebido em 12 de março de 2024

Aceito em 28 de abril de 2024

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o livro de Leonardo Chalub, *Palmares de Zumbi*, publicado em 2019. Considerando o crescimento de publicações e estudos voltados às tendências contemporâneas que dialogam com os marcadores sociais da diferença, destacados pela Base Nacional Comum Curricular (2019), – os estudos sobre gênero, questões étnico-raciais, inclusão social das pessoas com deficiência, entre outros temas transversais – o foco dessa análise é pensar na reescrita da história desse líder negro destinada aos leitores jovens. O estudo crítico ancora-se em trabalhos que evidenciam a relevância da literatura afro-brasileira para crianças e jovens, como Cavalleiro (2001), Machado (2011), Debus (2018), Godoy (2023), e sobre o romance histórico contemporâneo, conforme Esteves (2010), entre outros estudos críticos e teóricos. Espera-se que este trabalho, a partir da representação literária em questão, contribua para a reflexão da necessidade de resgatar o passado, evidenciando a proficuidade do questionamento dos marcadores sociais da diferença, em especial as questões étnico-raciais, para, enfim, promover a compreensão das relações sociais e das desigualdades, além da ressignificação daquilo que foi colocado à margem e a importância da representação positiva da imagem negra em sala de aula, sobretudo de figuras heroicas.

Palavras-chave: Literatura Juvenil afro-brasileira. Líderes negros. Figuras Heroicas. Revisitação histórica.

Abstract: This article aims to analyze Leonardo Chalub's book, *Palmares de Zumbi*, published in 2019. Considering the growth of studies and publications focused on contemporary trends that dialogue with the social markers of difference, by Base Nacional Comum Curricular Brasileira (2019), – studies on gender, ethnic-racial issues, social inclusion of people with disabilities, and other transversal themes – the focus of this analysis is to think about rewriting the story of this black leader aimed at young readers. The critical study is anchored in works that highlight the relevance of Afro-Brazilian literature for children and young people, such as Cavalleiro (2001), Machado (2011), Debus (2018), Godoy (2023), and the contemporary historical novel, according to Esteves (2010), among other critical and theoretical studies. It is expected that this work, based on the literary representation in question, will contribute to the reflection on the need to rescue the past, highlighting the usefulness of questioning the social markers of difference, especially ethnic-racial issues, to ultimately promote the understanding of social relations and inequalities, in addition to the reframing of what was placed on the margins and the importance of the positive representation of the black image in the classroom, especially of heroic figures.

Keywords: Juvenile Afro-Brazilian Literature. Black leaders. Heroic Figures. Historical revisit.

1 Introdução

Em entrevista ao Grupo Autêntica, em 2021, Leonardo Chalub conta que a inspiração para escrever sobre Zumbi dos Palmares veio das músicas da capoeira:

O primeiro contato que tive com a figura de Zumbi dos Palmares foi através de uma música do Mestre Museu. Escrevi o *Palmares de Zumbi* para ajudar a popularizar a capoeira e para dar representatividade às pessoas pretas como protagonistas. Meu objetivo era levar ao público um conhecimento mais aprofundado sobre a cultura e as discussões que existem na capoeira; muitas delas desconhecidas para quem só vê a capoeira de longe, nas praças e nas academias (Grupo Autêntica, 2021).

O livro em questão, premiado pelo Prêmio Jabuti de 2020 na categoria juvenil, traz uma releitura de um Zumbi, conhecido, hoje, como um dos maiores heróis brasileiros, principalmente para a negritude. Recriando a história de Zumbi, Chalub mescla história e ficção para explorar as façanhas do líder histórico do quilombo dos Palmares. Representado no livro pelo menino Francisco, uma criança africana que é trazida para o Brasil e separada de seus pais, o leitor acompanha a trajetória de Zumbi desde a infância até se tornar o líder resistente contra a escravidão e a opressão colonial. A narrativa começa no Brasil de 1667, com Francisco jovem, capturado e entregue à Igreja, mas que já sonhava com a liberdade:

Ágil e silencioso, explora o vilarejo à noite, pregando peças, vingando os negros mortos no tronco e aterrorizando feitores e senhores de engenho como um fantasma – ou um *nzumbi*, em quimbundo, a língua típica de Angola. Quando surge uma oportunidade de fuga, Francisco a aproveita, dando início a sua jornada para se tornar aquele que a história não esqueceria: Zumbi dos Palmares, filho de Angola Janga (Contracapa, 1ª edição, 2021).

Embora Zumbi dos Palmares seja uma figura conhecida, os fatos históricos sobre ele não são tão claros. No artigo “Zumbi dos Palmares: um novo Tiradentes?”, Richard Marin expõe o fato de que foi apenas no início da década de 1970 que a figura do Zumbi como chefe da “República negra de Palmares” começou a crescer no imaginário coletivo brasileiro. Segundo o historiador, “nada deixava ainda prever a verdadeira ‘zumbilatria’ que tomaria conta do país dois decênios mais tarde” (Marin, 2002, p. 233 e 234). Há, dessa forma, uma mudança radical de posição: de uma figura quase desconhecida nos últimos 40 anos pelos brasileiros a símbolo de resistência dos escravizados e herói nacional. Em *Palmares de Zumbi*, Chalub trabalha em uma perspectiva envolvente e multifacetada sobre a vida e o legado de Zumbi. Ao entrelaçar ficção e fatos históricos – em um contexto marcado pela escravidão e a luta pela liberdade – o livro apresenta uma narrativa que não apenas entretém, mas também educa e sensibiliza os leitores sobre questões fundamentais da história e da identidade brasileira.

Neste artigo, o objetivo é analisar o livro de Chalub, publicado em 2019 e destinado a jovens leitores, com enfoque à reescrita da história do conhecido líder quilombola que desafiou o sistema escravagista colonial, além de buscar compreender como a obra contribui para a formação cultural e social dos leitores, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento da história e da identidade afro-brasileira, estimulando discussões sobre justiça social, diversidade cultural e os desafios da construção de uma sociedade inclusiva. O estudo crítico ancora-se em trabalhos que evidenciam a relevância da literatura afro-brasileira para crianças e jovens, como

Cavalleiro (2001), Machado (2011), Debus (2018), Godoy (2023) e sobre romance histórico contemporâneo, conforme Esteves (2010), entre outros estudos críticos e teóricos.

2 A literatura infantil e juvenil no Brasil: uma contextualização ainda necessária

Se até o início da década de XX poucos autores tinham destaque na literatura infantil e juvenil brasileira – era recorrente, no Brasil, o consumo das traduções de outros países –, hoje temos uma vasta quantidade de livros lançados no mercado. Em contraponto a essa vastidão, podemos afirmar, também, que não há estudos suficientes que deem conta da diversidade do gênero, na produção contemporânea, sobretudo nas duas últimas décadas. Há trabalhos críticos consolidados, nesta área, como as obras de Fanny Abramovich (1994), Nelly Novaes Coelho (2010), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1988 e 2017), Ligia Cademartori (2010) que oferecem um panorama histórico e crítico de grande importância às pesquisas sobre literatura infantil, juvenil e leitura. Todavia, as publicações voltadas às tendências contemporâneas, tais como estudos sobre gênero, questões étnico-raciais, discussões sobre a inclusão social das pessoas com deficiência, entre outros temas transversais destacados pela Base Nacional Comum Curricular (2019), cresceram sobremaneira e necessitam de estudos que estabeleçam um painel dessas produções. Segundo Queiroz, Nascimento e Brito, “ela [a literatura infantil e juvenil], então, se ramifica por todos os caminhos da atividade humana, valorizando a aventura, o cotidiano, a família, a escola, o esporte, as brincadeiras, as minorias raciais, e vai penetrando até no campo da política e suas implicações” (2006, p. 4).

Pensando especificamente na literatura juvenil, de acordo com Maria Zaira Turchi, em seu ensaio “O estatuto da arte na literatura infantil e juvenil”, “a natureza específica do juvenil pede uma narrativa que envolva e prenda esse leitor adolescente, agitado, tomado pelos avanços da informática e pela velocidade da mídia – leitor que não é mais criança, mas ainda não é um adulto” (Turchi, 2002, p. 29). Nas palavras de José Nicolau Gregorin, há uma condição peculiar do jovem leitor, pois está inserido em descobertas sem a proteção dispensada à criança.

A afetividade, no período da adolescência, talvez seja o aspecto mais importante para que o jovem adquira segurança em todas as dimensões de sua vida, pois, diferentemente da criança, que é protegida e amparada pela sociedade, o adolescente muitas vezes parece navegar num mar de abandono. Portanto, um livro que traga vivências próximas às suas e questionamentos semelhantes aos seus será, para ele, quase um companheiro de confidências (Gregorin, 2011, p. 43).

Como pensar, portanto, em uma literatura que envolva esse público específico? Certamente não é através de histórias infantilizadas e esvaziadas, ou simples em demasia a ponto de evitar conflitos e assuntos contestadores. Acreditamos, a partir disso, que engajar os jovens na leitura é confiar na sua capacidade de entendimento, de organização de conhecimento, bem como na importância de proporcionar diferentes experiências literárias para os leitores em formação. Quando se trata de jovens leitores negros, os conflitos e questionamentos são ampliados, muitas vezes, pela ausência de representação positiva da imagem negra em sala de aula, sobretudo de figuras heroicas. Felizmente, é cada vez mais comum a criação de narrativas voltadas para o desenvolvimento de temáticas como desigualdade social, preconceitos (de classe, gênero, raça etc.), assim como o resgate do passado histórico. No que tange à literatura

voltada à temática da cultura africana e afro-brasileira, há marcos importantes, como a Lei 10.639/03.

A temática da cultura africana e afro-brasileira, sem a representação do negro em condições de subalternidade, se faz efetivamente presente a partir da década de 1980 pelas mãos de Joel Rufino dos Santos e Rogério Andrade Barbosa, seguido de Julio Emílio Braz. A eclosão temática, sem sombra de dúvida, se dá a partir de 2003, com a Lei 10.639 que promove a obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira (Debus, 2018, p.103).

Dentre essas narrativas, *Palmares de Zumbi*, de Leonardo Chalub (2019), destaca-se, ao colocar a imagem de Zumbi como protagonista e exercendo o percurso de herói na narrativa.

[...] a representação de modelos heroicos na literatura infantil e juvenil afro-brasileira, por meio de personalidades apagadas pela história oficial, contribui para evidenciar mulheres e homens negros, sem perder de vista as atrocidades da escravidão, propiciando a releitura do passado histórico e ressignificando a ancestralidade, elo entre passado e presente, como força, inspiração e pertencimento. Para as crianças e os jovens, a constatação de que há pessoas negras de destaque na história da libertação do povo negro rompe a sistematização de imagens de submissão e apatia registradas, quando há abordagem descuidada da formação cultural do Brasil e do período escravocrata (Godoy, 2023, p. 7).

A obra de Chalub (2019), ao reescrever a história de Zumbi de Palmares para jovens leitoras e leitores, preenche lacunas na educação básica de textos com protagonismo negro e contribui para o letramento negro, conceito em construção, no campo dos estudos étnico-raciais. Na obra *Cotidiano escolar: teoria e prática no ProfLetras*, organizada por Ana Lucia Silva Souza, Daniele de Oliveira, Julio Neves Pereira (2020), há abordagens diversas que permitem a compreensão desse conceito e a necessidade urgente de preparação docente para trabalhar com a cultura afro-brasileira.

No processo de reeducação das relações étnico-raciais, as ações de desconstrução de crenças e estereótipos que desfavorecem o acolhimento da diversidade devem ser acompanhadas da construção de novas representações sociocognitivas e afetivas em relação às questões raciais, observando três princípios voltados para o ensino e aprendizagem de habilidades sociais: consciência política e histórica da diversidade, fortalecimento de identidades e de direitos, e ações educativas de combate ao racismo e a discriminações (Lula; Bispo, 2020, p. 65).

No que diz respeito especificamente à literatura, as autoras Louise Conceição Pereira Tanajura e Ana Lúcia Silva Souza, no artigo intitulado “Por que um projeto de letramento literário negro?”, assinalam a necessidade do(a) docente “[...] que, despida(o) de um pensamento colonial e ciente da necessidade de reconhecer o povo negro como parte da construção deste país, pode, então, formar, com seu corpo de estudantes, uma sala de aula em que se valorizem a pessoa negra[...].” (2020, p. 52). As autoras observam, também, a ausência de obras de literatura negra em sala de aula:

A invisibilização da literatura negra e a representatividade negativa da pessoa negra no conteúdo literário ofertado também são faces da perversidade do racismo no contexto da disciplina de Língua Portuguesa/Estudos Literários, contribuindo para manter fora de cena os grupos socialmente minorizados.

Quanto à literatura de autoria negra, podemos dizer que, ainda que exista um movimento crescente de autoras e autores negras e negros, de editoras e coletivos comprometidos que produzem e se mobilizam para o lançamento de livros, sua frequência na escola é rarefeita (Tanajura; Souza, 2020, p. 52).

A representação literária de imagens negras em situação de protagonismo é imprescindível para formação leitora de crianças e jovens negros(as), uma vez que há predominância de obras canônicas, nas quais a voz de personagens negras está apagada.

3 O registro histórico documentado x texto ficcional

No livro *Palmares de Zumbi*, de Francisco, nome de branco e com referências religiosas, a personagem principal passa a Jaguará. Já em busca da liberdade, o menino escolhe esse nome inspirado pelo seu amigo indígena, grupo também escravizado que o Chalub não deixa de fora do enredo. Ainda sem nome de preto, como é colocado por Elório, personagem que orienta o jovem menino por toda a narrativa, é na apropriação do nome Zumbi que o protagonista parece se encontrar: “– Eu sou preto, sempre fui. Agora meu nome é Zumbi e eu vou é pra Palmares! – respondeu o menino entusiasmado” (Chalub, 2021, p. 51).

Essa escolha ficcional de Chalub tem um valor simbólico para a narrativa: demonstra a trajetória do menino em busca de se conhecer, ou melhor, em busca da recuperação da sua identidade – que lhe foi negada quando retirado contra a sua vontade do seio familiar. Em *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido traz a ideia de que a trajetória da literatura brasileira tem sido marcada pela busca de uma identidade, como forma de superar as origens europeias. Mesmo se tratando de uma obra contemporânea, fora do que contemplam as investigações de Candido na obra referida, aqui temos uma construção que remete a essa busca: o rompimento com o nome de branco, que passa pelo nome indígena e culmina no nome do negro. Antes desse processo, porém, o menino vive alheio às possibilidades de liberdade:

A história mais intrigante que ouviu dos companheiros de senzala foi sobre os quilombos. Jamais havia ouvido falar da existência desse lugar onde os negros viviam livres, segundo suas próprias leis, guerreando contra aqueles que quisessem escravizá-los. Aquilo mexeu com a cabeça do menino, que passou a ver na fuga para um quilombo sua única chance de uma vida melhor (Chalub, 2021, p. 31).

Além da possibilidade de viver em um quilombo e não como um escravizado, o menino tem contato com a ideia de resistência. Pensando no resgate e encontro com a identidade, é possível pensar no passado de escravidão brasileira e as tentativas de apagamento histórico do povo negro. As estudiosas Elizandra Fernandes Alves e Nelci Alves Coelho Silvestre, ao proporem a discussão sobre a perda da identidade cultural e o eurocentrismo, em obras africanas de língua inglesa, acentuam o impacto da força do colonizador sobre o sujeito colonizado, o que é possível observar no processo escravocrata brasileiro:

O sujeito colonizado tende a ser um sujeito em busca de sua identidade. Por se encontrar em um espaço temporal e cultural onde seus valores não são válidos, mas também não consegue reconhecer os eurocêntricos como seus, o indivíduo vive em constante crise. Tentar existir nesta fronteira que o impede de se definir claramente, levando-o a uma crise identitária (Alves; Silvestre, 2017, p. 17).

Sabemos que a organização em movimentos de consciência e luta por direitos foi imprescindível para resgatar e valorar o passado e as origens africanas. Leda Maria de Souza Machado, no artigo “Zumbi: herói ou vilão?”, expõe uma questão cara para a nossa história oficial, que foi construída a partir de interesses econômicos e sociais de um grupo hegemônico que escamoteou aquilo que não os interessava.

[...] tem-se intensificado as pesquisas a procura de fatos das vidas de personalidades africanas trazidas para o Brasil em condições de escravidão, como também dos afrodescendentes. Personalidades essas que com muita luta contribuíram para escrever a nossa história. Um povo que foi sempre relegado a 2ª instância, no qual não se sabe sua história, pois relevantes documentos da época foram destruídos a mando do Ministro Rui Barbosa, o que muito prejudica as pesquisas, tornando os relatos às vezes um pouco folclóricos, a respeito desse personagem Zumbi (Machado, 2011, p. 198).

Rui Barbosa, citado pela pesquisadora, enquanto Ministro da Fazenda do Governo Provisório (1889 a 1891), teve como uma de suas obrigações a tentativa de ocultar o passado escravista. Assim, sabemos que a negação do passado e a desvalorização da memória fazem parte da cultura brasileira. Pelas lutas e a ampla consciência de identidade que vem sendo construída nas últimas décadas, alguns resultados aparecem, como a promulgação da Lei Federal nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar da rede oficial de ensino. Nesse sentido, a literatura, através de processo de diálogo crítico com o discurso histórico-social, tem muito a contribuir: analisando e revisitando eventos históricos, buscando novos olhares e novas perspectivas.

Em “Narrativas de extração histórica”, Antônio Esteves (2010) diferencia os aspectos formais e de conteúdo do romance histórico contemporâneo do romance histórico tradicional. O autor expõe que o novo romance histórico é caracterizado por fazer uma releitura crítica da história. A literatura, nesse caso, visa suprir as deficiências da historiografia tradicional, ouvindo a voz dos que foram negados, silenciados e perseguidos. Segundo ele, há uma multiplicidade de perspectivas, deixando de lado a ideia de uma verdade única. Ao responder como foi seu processo de pesquisa para escrever seu segundo livro – *Dandara e a Falange Feminina de Palmares*, publicado em 2021 – Leonardo Chalub revela um fato que dialoga com a exposição de Esteves. O escritor pontua que a sua pesquisa começou desde *Palmares de Zumbi*: “através dos poucos documentos da época, textos de autores do século XX e principalmente das músicas de capoeira atuais” (Grupo Autêntica, 2021). Porém, o autor afirma que, “[a] história que contei sobre Dandara é uma ficção totalmente criada por mim, e, ao contrário do *Palmares de Zumbi*, não segue nenhuma versão de fatos históricos narrados pela elite da época, ou por outros autores.” (Grupo Autêntica, 2021). Ou seja, na escassez de documentos precisos sobre a época supracitada, o autor reconstrói a história de Zumbi e se compromete com uma perspectiva que rompe com a representatividade negativa da pessoa negra.

Não só a figura de Zumbi é recomposta, como diversos outros personagens históricos aparecem na narrativa em facetas ambivalentes. É o caso, por exemplo, de Ganga Zumba, líder que antecede Zumbi dos Palmares. Embora tenha sido um dos fundadores do quilombo, desempenhando papel importante na organização da comunidade e na resistência contra a escravidão e a opressão colonial, Ganga Zumba busca alianças e negocia com autoridades coloniais. Na narrativa de Chalub, entretanto, é importante destacar que o embate entre Ganga Zumba e o governador português não é pacífico, pelo contrário, é cheio de tensões. Mesmo representando, de certa forma, a

velha guarda pela história oficial, isto é, aqueles que estão mais inclinados à negociação e ao compromisso com os colonizadores em busca de certa estabilidade, e também em contraponto a Zumbi, representado a partir de valores altruístas e de comprometimento coletivo, a representação de Ganga Zumba não é a de um homem que aceita resignado as imposições coloniais – rompendo, assim, com a representação subalterna da pessoa negra quando em contato com autoridades brancas. Na tentativa de proibir a capoeira, “essa luta disfarçada de dança”, Ganga Zumba responde ao governador:

– Luta de escravos? A capoeira é luta de homens livres, que lutam pela liberdade a qualquer custo. Vosmecê tem muito capoeirista nas suas senzalas? [...] Pois é, não tem! Senzala nenhuma pode prender um capoeirista (Chalub, 2021, p. 147).

A negociação mostra-se impossível, terminando, inclusive, com a morte do governador e Ganga Zumba. Deste combate, apenas dois soldados portugueses saem com vida e, na narrativa, fica a dúvida se Ganga Zumba realmente estava ali atrás de um acordo ou se as intenções, desde o início, eram outras. A morte do governador será abafada e o narrador, no texto ficcional, expõe como a história oficial pode ser construída: “[...] a história oficial, totalmente distorcida, a ponto de inventarem que o próprio Rei de Palmares havia traído o seu povo e, ao perceber que havia guiado seus soldados para uma emboscada, suicidara-se” (Chalub, 2021, p. 140). Em contrapartida, o governador, morto pelas mãos de Ganga Zumba: “havia simplesmente voltado a Portugal para assumir um cargo mais importante na Corte” (Chalub, 2021, p. 149), e seu filho assumiria o seu posto:

A facilidade que a elite governante tinha de moldar a verdade de acordo com seus interesses fez com que apenas alguns senhores da região soubessem da história completa. Após algumas semanas, esses mesmos governantes decidiram, para garantir que não houvesse contestação à versão dos fatos que lhes interessava, encomendar a morte do último sobrevivente da batalha, o único que poderia comprometer a narrativa da história inventada e divulgada por eles (Chalub, 2021, p. 147).

Através do texto literário, Chalub expõe a questão de como a história oficial pode ser forjada a partir de interesses de um grupo específico. Ao mesmo tempo em que vemos o imbricamento entre história e literatura, constatamos também, nesse caso, que a ficção tem um papel de destaque. Isto porque mais do que o fato de a história oficial ser parcial, temos a questão das tentativas conscientes de que essa história nem existisse. Há, claro, a contestação da história, tal qual observamos no novo romance histórico explicitado por Esteves, mas há, sobretudo, a (re)construção e as escolhas ficcionais para a representação de personagens históricos que, por pouco, não caíram em um total ostracismo.

4 Qual bom livro para crianças que não seja lido com interesse pelo homem-feito?

¹

O título, que faz referência à reflexão proposta por Carlos Drummond de Andrade, serviu de base também à pensadora Magda Soares (2011), ao desenvolver, no capítulo “A escolarização da literatura infantil e juvenil”, relevantes considerações

¹ Reflexão de Carlos Drummond de Andrade sobre Literatura infantil, em “Confissões de Minas. Literatura – Obra Completa”, 1964.

sobre a literatura destinada (ou que interessa) à criança no espaço escolar. Quando pensamos no despertar de leitores para produção afro-brasileira, é possível destacarmos especificidades relacionadas à temática da cultura afro – a capoeira, por exemplo – e elementos comuns nas literaturas voltadas a crianças, como a figura do herói.

Já no prefácio de *Palmares de Zumbi*, o leitor é informado de que havia um combate entre soldados e “o inimigo número um da Coroa, um herói para o povo e, para muitos, um espírito imortal” (Chalub, 2021, p.11). Nos quatorze capítulos que se seguem, descobriremos que se trata de Zumbi dos Palmares, símbolo de resistência daqueles que fugiam e buscavam uma vida com liberdade.

A representação de Zumbi, segundo Chalub, está muito ligada ao que as músicas de capoeira retratam. Esse é um ponto que evidencia bem a construção da personagem no romance: tal qual a capoeira, símbolo de combate, resistência e luta inteligente, é a representação Zumbi na narrativa. Na voz de Elório, representação da sabedoria dos mais velhos na história, temos a dimensão de como a capoeira incorpora luta e arte. Isto é, para além dos movimentos, “a arte mais profunda da capoeira”:

– Sem a mandinga, menino, a capoeira é só ginga e pernada. Se você não for malandro, não consegue levantar quando cair no chão... E pode ter certeza, um dia você vai ter que levantar, porque todo capoeirista de verdade já caiu um dia (Chalub, 2021, p. 43).

Observador e atento, Francisco desenvolve estratégias para enganar os feitores, mexe com o psicológico desses homens que os dominavam até conseguir planejar e executar a sua primeira fuga. Aos 12 anos, espalha, pela cidade, o sangue de um escravizado morto a chibatadas:

O feitor já havia estranhado o sangue na porta da sua casa, mas quando viu também ao redor do escravo morto, ficou pálido. [...] alguns começaram a dizer que o espírito do morto havia voltado para assombrar os habitantes, em especial, o feitor (Chalub, 2021, p. 20).

É no medo, na desatenção e na conquista da confiança, posteriormente, servindo à casa-grande, que o menino ganha espaço:

Ao mesmo tempo que havia se tornado fundamental para o andamento no dia a dia da casa-grande, ele fazia questão de ser sempre discreto, sem chamar a atenção dos demais nem cultivar a inveja dos feitores. Sempre fazia de bom grado a vontade de todos, buscando nunca despertar a ira de ninguém (Chalub, 2021, p. 42 e 43).

Assim: “[o] menino aproveitou-se da paranoia dos moradores da casa-grande, e cada movimento seu passou a ser calculado para amedrontá-los, de acordo com seus interesses” (Chalub, 2021, p. 46). Vemos, então, desde o início, a construção de uma personagem sagaz, com diversas qualidades e habilidades que vão sendo manifestadas ao longo da história. Isso importa na medida em que há uma escassez de personagens negros representados na literatura brasileira – principalmente de forma positiva. Leda Machado faz a seguinte reflexão:

Olhando-se ao espelho o negro não consegue se ver nesses heróis, não tem identidade, é preciso que mostremos as nossas crianças e aos jovens, os líderes negros, sua trajetória de vida e o que realizaram para o bem comum, aumentando a auto-estima e mostrando o cuidado que devemos ter, pois estamos passando por um processo de transculturação. Vamos trabalhar no

sentido de construir coletivamente um novo paradigma, exercendo o olhar crítico sobre a história dada pelos livros didáticos, se não continuaremos sem desvelar a outra parte da real história, continuando obscura, com uma lacuna a ser preenchida (Machado, 2011, p. 199).

A construção da personagem com características de um herói segue em toda a narrativa, até quando o menino Francisco já é o homem conhecido como Zumbi.

Os pés de Zumbi eram rápidos, e o homem não conseguiu se esquivar, por mais que fosse bem treinado. Os que estavam de fora zombaram, e o homem enfureceu-se, pegando um pedaço de madeira no chão e partindo com ódio para cima do Zumbi. Queria feri-lo a qualquer custo para salvar a própria honra, mas não conseguiu acertá-lo nem com o pau e nem com as mãos, tomando, por fim, um potente chute na barriga que o deixou sem ar e caído no chão (Chalub, 2021, p. 61).

Ao pensarmos no arquétipo do herói na literatura, a partir de uma construção tradicional – alguém dotado de coragem, virtude, força e determinação, enfrentando desafios e superando obstáculos em busca de um objetivo nobre – é possível encaixar a representação de Zumbi, especificamente a partir da construção de Chalub, nessas características, mesmo se tratando de uma narrativa contra-hegemônica. Zumbi enfrenta desafios internos e externos, luta não apenas contra inimigos físicos, mas também contra seus conflitos emocionais e, buscando um objetivo, nesse caso, libertar os seus semelhantes, trilha também o caminho da autodescoberta que culmina no seu desenvolvimento pessoal. Aqui pensamos na recepção desse herói negro, que adquire ares de figura mítica e lendária – assim como os heróis épicos e os semideuses gregos. Nessa construção, Zumbi é um modelo a ser admirado, pois inspira bravura, bondade e integridade. Sabemos, entretanto, que há, também, uma tentativa de vilanizá-lo, o que parece ser mais uma estratégia de apagamento.

Se fizermos um exercício mental para recuperar heróis negros na literatura brasileira, percebemos, sem dificuldade, a escassez dessa representação. Macunaíma, de Mário de Andrade; João Cândido, de Euclides da Cunha; Antônio Balduino ou Cosme, de Jorge Amado – são poucas as personagens que conseguimos elencar. De forma semelhante, na literatura destinada ao público jovem, em um contexto não apenas nacional, temos, como exemplos populares que cativam os jovens leitores, Harry Potter, de J.K. Rowling; e Percy Jackson, de Rick Riordan. Diante desse panorama, as manifestações culturais que Chalub aborda, como a capoeira, a música, a contação de história, assim como a recolocação de uma personagem na condição heroica em um contexto negro, contribui para a afirmação identitária do público leitor, sobretudo, dos jovens negros.

Em relação à narrativa, é interessante perceber que não há uma tentativa de amenizar a violência que acontecia nos tempos de escravidão.

A chuva começou devagar. O chicote estalou nas costas do homem amarrado no tronco. Alguns dos que observavam, principalmente as mulheres, fechavam os olhos a cada chibatada. O escravo gemia, mas não gritava. Antes da metade das chibatadas ele já estava desmaiado, e poucos antes de acabarem estava morto (Chalub, 2021, p. 14).

Em contraponto às narrativas infantilizadas, temos aqui a linguagem literária contribuindo para a compreensão de um passado que nem sempre é valorizado, o que permite a construção de uma visão crítica sobre a nossa história. Outra escolha ficcional

que merece menção é o destaque em relação às figuras femininas, como Aqualtune, Angola Janja e Dandara.

Dandara era apenas uma criança quando viu Aqualtune pela primeira vez. Naquela época, a avó de Zumbi já comandava Palmares e liderava as grandes batalhas contra os bandeirantes que tentavam destruir o quilombo. A menina ficou impressionada com a quantidade de guerreiros que seguiam Aqualtune, e a visão de uma mulher liderando tantos homens armados foi como uma grande revelação (Chalub, 2021, p. 109).

Há uma contranarrativa até mesmo na representação das mulheres como líderes e guerreiras. Representadas como figuras fundamentais na luta pela libertação, há, inclusive, um capítulo inteiro destinado a Dandara².

A formação de uma falange feminina liderada por Dandara ocorreu naturalmente. Apesar de no início serem apenas um grupo de jovens rejeitadas pelos demais guerreiros, a persistência, a dedicação e a união a tornaram valiosas guerreiras [...] Suas emboscadas eram mortais. Aos 16 anos, Dandara já havia liderado mais de quinze missões de libertação de escravos e de resistência contra invasões ao quilombo, todas executadas friamente (Chalub, 2021, p.116).

Outra figura feminina que é contemplada com um capítulo inteiro é Catarina, uma mulher portuguesa que se recusa a honrar uma promessa de casamento. Ela se aproxima das prostitutas, primeiramente por compaixão, – vinham na nau como escravas em situações precárias – e, depois, se rebela junto a elas:

Toda a repulsa que ela sentia pelo capitão e pela Coroa portuguesa, que a havia prometido em casamento como uma simples recompensa para Manuel Lopes, a qual ela até então se esforçava para conter, explodiu em forma de ódio. Ela saltou por cima da mesa e o feriu no pescoço, com uma faca. Ele não teve reação. Catarina tampou a boca de homem e suavizou a sua queda do corpo, que foi lentamente escorregando da cadeira (Chalub, 2021, p. 95).

Assim, “Catarina tornou-se a líder das quengas rebeladas, como elas mesmas se autoproclamavam” (Chalub, 2021, p.97). Mais uma vez, o autor se posiciona em relação aos que não são evidenciados pela história oficial, e trabalha, mesmo com um narrador onisciente em terceira pessoa, a multiplicidade de perspectivas a qual Esteves (2010) se refere ao falar sobre o novo romance histórico. Quantas mulheres eram abordadas nos livros de história em relação ao período colonial? Catarina, apesar de ser portuguesa e, em teoria, estar do lado dos colonizadores, é representada fora de um conceito pré-estabelecido e, mais uma vez recuperando Esteves (2010), rompe com a ideia de uma verdade única – nesse caso, a de que todos os portugueses eram a favor da escravidão. Através da representação dessas mulheres pela ficção, refletimos sobre seus lugares e condições – onde elas estavam e o que faziam nos acontecimentos históricos? – e pensamos sobre as diferenças entre as culturas que fizeram parte da formação do Brasil.

A revisitação da história escravocrata, a partir do ponto de vista interno do protagonismo negro, possibilita a desconstrução da imagem submissa da população negra, criada por narrativas oficiais, e promove o enaltecimento de lideranças que resistiram e lutaram contra a escravidão, como Zumbi. Ao definir o conceito de

² Esse destaque, depois, resulta em outro livro do mesmo autor, já citado anteriormente: *Dandara e a Falange Feminina de Palmares* (2021).

literatura afro-brasileira, o estudioso Eduardo de Assis Duarte (2011), estabelece características dessa literatura com base em algumas constantes: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público leitor. No contexto de recepção de jovens leitores e leitoras, o novo paradigma a que se refere Leda Machado, torna-se fundamental para luta antirracista e promoção de imagens positivas na formação da identidade da criança e de jovens negras e negros.

Num contexto tão adverso, duas tarefas se impõem: primeiro, a de levar ao público a literatura afro-brasileira, fazendo com que o leitor tome contato não apenas com a diversidade dessa produção, mas também com novos modelos identitários; e, segundo, o desafio de dialogar com o horizonte de expectativas do leitor, combatendo o preconceito e inibindo a discriminação sem cair no simplismo muitas vezes maniqueísta do panfleto (Duarte, 2011, p. 398).

Pensar na literatura juvenil é pensar no processo de formação de leitores, em histórias que irão marcar a vida dos jovens que estão entrando em contato com a ficção. Chalub demonstra que é possível trabalhar um texto literário de forma acessível sem deixar o trabalho artístico de lado. Ele confia em seu público, faz escolhas ficcionais interessantes, reconstrói o passado através de um detalhamento cuidadoso, constrói personagens profundos e contempla as complexidades do ser humano. Quando não deixa de fora, por exemplo, os conflitos entre os líderes dos quilombos, demonstra que não optou por se alinhar a uma narrativa romantizada – ou maniqueísta. Há um rei, há soldados e há discrepâncias, justamente por haver relações de poder:

– Vejo vocês fazendo isso, meus amigos, e me lembro de quando eu era criança. Tudo o que os brancos faziam comigo era me amarrar me arrastar e me levar até os pés de seus senhores, para que eles pudessem cuspir em mim. Talvez o problema não seja o brancos, mas nós, homens. Vocês, que já foram escravos, hoje têm o poder de amarrar, arrastar e matar alguém, e fazem isso mesmo sem necessidade. Parece que tomaram gosto em carregar o chicote – disse Zumbi, para que todos ouvissem (Chalub, 2021, p. 124).

Um dos pontos mais interessantes na reprodução de Zumbi no livro é o senso de justiça que envolve a personagem. Zumbi é retratado como alguém sensível às diferenças num sentido amplo. No capítulo sobre “Yang”, isso é demonstrado através da interferência que ele faz em relação à forma como o homem de “olhos apertado, como se tivessem sido puxados para os cantos” – um inglês de descendência chinesa – estava sendo tratado.

– Você é bem-vindo, Yang. Eu vi negros virarem feitores por obrigação e depois tomarem gosto pela violência. Eu vi meus soldados tomarem ódio dos brancos e se assemelharem a eles. Faz bem ter um pouco de cor diferente por aqui, pra gente se lembrar que não importam as diferenças, o que importa mesmo é o que a pessoa carrega no peito [...] (Chalub, 2021, p.126 e 127).

Há, dessa forma, mais uma escolha de Chalub: uma narrativa conciliadora, que parece pretender agregar leitores de diferentes realidades e bagagens culturais. A revisitação histórica em diálogo com os aspectos ficcionalizados, nesse livro, trabalha a memória da história brasileira que, além de fundamental e necessária, ajuda na reflexão de diversas temáticas atuais.

Dessa forma, o resultado é uma narrativa instigante, não só para os jovens, mas também para os adultos: a chamada dupla audiência. Aqui, enfim, recuperamos o

questionamento de Carlos Drummond de Andrade ao pensar na categorização da literatura voltada para o público jovem como algo menor: qual o bom livro para crianças que não seja lido com interesse pelo homem-feito? Ou ainda: a partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito adulto?

5 Considerações finais

A obra *Palmares de Zumbi*, de Leonardo Chalub, aborda a jornada de uma personagem em busca de sua identidade, representada simbolicamente pela transição de nomes ao longo da narrativa. Este processo de reivindicação identitária acontece em meio à descoberta dos quilombos e à resistência dos negros escravizados, refletindo a luta pela recuperação da identidade cultural e histórica perdida. A narrativa também destaca a importância da consciência histórica e da valorização das raízes africanas, confrontando o apagamento promovido pelo colonialismo. A obra de Chalub recria, assim, personagens históricos e revela as tentativas de manipulação da história oficial a fim de perpetuar um determinado poder. A interseção entre história e literatura evidencia não apenas a contestação da narrativa oficial, mas também a capacidade da ficção de reconstruir e resgatar vozes silenciadas. Dessa forma, o livro em questão não apenas reconta o passado, mas também lança luz sobre as lutas e conquistas da comunidade afrodescendente, desafiando estereótipos e contribuindo para uma compreensão mais completa e inclusiva da história brasileira. À medida que seguimos os passos do protagonista em sua jornada de autodescoberta e libertação, somos confrontados com questões profundas sobre poder, justiça e memória coletiva, o que nos instiga a questionar nossas próprias narrativas históricas e a reconhecer a complexidade de nossa identidade cultural.

Na revista *Sankofa*, sobre história da África e estudos da diáspora africana, Azevedo e Silva, ao abordarem as animações “Kirikú e a feiticeira” e “A princesa e o sapo”, concluem que:

A partir de movimentos questionadores das narrativas hegemônicas, releituras emergem como contra narrativas, num intuito de fazer ouvir vozes, outrora, silenciadas. São mulheres, crianças, pobres, trabalhadores, nordestinos, migrantes, entre tantos outros, e negros. Sociedades africanas e afrodescendentes foram submetidos a um processo de desumanização na história mundial, pelo sistema de dominação e escravidão empreendidos por brancos “colonizadores”. [...] Um país que tem sua história marcada pela busca de uma identidade que “higienizasse” e/ou promovesse a eugenia, e o branqueamento da nação. Perpetuando no imaginário coletivo a necessidade de excluir o negro das paisagens urbanas, das empresas, das escolas, enfim, da nação como um todo. A partir de lutas individuais e de movimentos de resistência organizados, torna-se possível propor que pensemos um Brasil Negro. A partir desses olhares ampliados educadores e a sociedade, no geral, passam a demandar novos meios de se repensar a África e o negro (Azevedo; Silva, 2014, p. 20).

Azevedo e Silva esclarecem a importância das contranarrativas, das releituras, do olhar crítico. Pensando em Zumbi, ao mesmo tempo que sabemos que há documentos oficiais que comprovam a sua existência, é difícil mensurar como era e o que realmente fez. Há um mistério que envolve sua vida, e isso favorece os ares de mito que Zumbi ganhou nas últimas décadas. De qualquer forma, o que importa é que passamos a lidar com a importância de existir heróis que não comungam com a hegemonia cultural que se pretendeu ter, seja pela tentativa de apagamento, seja pela necessidade de existirem outras representações. Junto com o trabalho sensível de Luiz

Matuto, com xilogravuras autorais na capa e nos inícios dos capítulos, as escolhas de Chalub mostram a ruptura e a ampliação em relação aos horizontes de expectativa. Afinal, qual a versão da história de Zumbi nós conhecemos?

Nesse sentido, “[...]imagens e palavras recriadas na (e pela) literatura infantil e juvenil afro-brasileira contribuem para desconstrução de signos que tendem a naturalizar a representação inferiorizada de crianças, mulheres e homens negros”. (Godoy, 2023, p. 6). Trabalhamos, enfim, com a ideia da necessidade de resgatar o passado para entendermos algumas peculiaridades do momento presente. Há, em *Palmares de Zumbi*, uma sensibilidade, tanto nesse resgate como na exposição e humanização dos povos escravizados. Acreditamos que um novo caminho é traçado quando as pessoas se organizam em prol da consciência, e ressignificar o que foi colocado à margem é um passo importante para a construção do orgulho e da identidade daqueles que foram sistematicamente violentados. Em última análise, *Palmares de Zumbi* é uma obra que nos desafia a enfrentar o legado do passado e a buscar uma compreensão mais completa e compassiva de nossa história compartilhada. Ao fazê-lo, inspira-nos a continuar lutando por justiça, igualdade e liberdade para todos, e reafirma o poder transformador da literatura e da arte na construção de um mundo mais justo e inclusivo.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

ALVES, Elizandra Fernandes; SILVESTRE, Nelci Alves Coelho. A perda da identidade cultural em *Wedding at the Cross*, de Ngugi Wa Thiong’o. **Revista Terra Roxa e outras terras (Revista de Estudos Literários)**. Londrina. v. 33, p. 07-18, nov., 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/30932>> Acesso em: <02 de março de 2024>

ANDRADE, Carlos Drummond. *Literatura infantil*. In: **Confissões de Minas**. Literatura – Obra Completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.

AZEVEDO, Amailton Magno; SILVA, Sheila Alice Gomes. “Era Uma Vez...”: O negro no imaginário encantado. **SANKOFA - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana/Núcleo de Estudos de África, Colonialidade e Cultura Política – Número XIV, Ano VII, Dezembro**. São Paulo, NEACP, 2014.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Diretoria de Políticas e Regulação da Educação Básica. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**: Proposta de Práticas de Implementação.[S. l.: s. n.],2019a. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 10 de fev. de 2023.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CHALUB, Leonardo. **Palmares de Zumbi**. São Paulo: Nemo, 2021.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. 5. ed. Barueri: Manole, 2010.

DEBUS, Eliane. Tendências da literatura infantil brasileira contemporaneíssima. *In*: BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVERIA, Vanderléia da Silva. (Org.). **Literatura na escola**: contextos e práticas em sala de aula. Campinas: Pontes Editora, 2018. p. 95-112.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011. v.4, p. 375-403.

ESTEVES, Antônio. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Edunesp, 2010.

GODOY, Maria Carolina de. Imagens e palavras na literatura infantil e juvenil afro-brasileira: desconstruindo preconceitos. **Revista Letrônica**. PUC-RS. v.16, n.1, p. 1-10, jan.-dez 2023.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura juvenil**: adolescência, cultura e formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

Grupo Autêntica; 24 de nov. 2021; <https://grupoautentica.com.br/blog/post/7-perguntas-para-leonardo-chalub-autor-de-dandara-e-a-falange-feminina-de-palmares/1178>; Acesso em: 05 de agosto de 2023.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: uma nova outra história. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

LULA, Júlia Barreto; BISPO, Marcos. Relações étnico-raciais e ensino: identidades, pesquisa pedagógica e desenvolvimento profissional. *In*: SOUZA, Ana Lucia Silva; OLIVEIRA, Daniele de; PEREIRA, Julio Neves. **Cotidiano escolar**: teoria e prática no ProfLetras. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 59-80.

MACHADO, Leda Maria de Souza. Zumbi: herói ou vilão? *In*: **Relações étnicorraciais na escola**: desafios teóricos e práticas pedagógicas após a Lei 10.639. Rio de Janeiro, 2011. p.198-210

MARIN, Richard. Zumbi dos Palmares: um novo Tiradentes? **Clio – Revista de Pesquisa Histórica**, v. 20, n.1, p. 233-247, jan-dez, 2002.

QUEIROZ, NASCIMENTO, BRITO. **Os desafios da aprendizagem da leitura nos anos iniciais.** Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39399/2404730/QUEIROZ%3B+NASCIMENTO%3B+BRITO+-+2016.1.pdf/d9a58992-bf65-4b8f-8ece-dfef84eff89f>. Acesso em: 05 de agosto de 2023.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 17-47.

TANAJURA, Louise Conceição Pereira; SOUZA, Ana Lúcia Silva. “Por que um projeto de letramento literário negro?”. *In*: SOUZA, Ana Lucia Silva; OLIVEIRA, Daniele de; PEREIRA, Julio Neves. **Cotidiano escolar: teoria e prática no ProfLetras.** Salvador: EDUFBA, 2020. p. 41-58.

TURCHI, Maria Zaíra. O estatuto da arte na literatura infantil e juvenil. *In*: SILVA, Vera Maria Tietzmann; TURCHI, Maria Zaíra (Org.). **Literatura infantojuvenil: leituras críticas.** Goiânia: UFG, 2002. p. 23-31.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos.** 3. ed. São Paulo: Global, 1988.